

# AS HISTÓRIAS: VAHIDA



Nome próprio: **VAHIDA**

Apelido: **H.**

Idade: **48**

País de origem: **BOSNIA agora**

**Republika srpska**

Vive na **Slovenia** desde: **1993**

## RESUMO

Vahida tinha 19 anos quando a guerra na Bósnia eclodiu e foi forçada a deixar a sua aldeia natal, perto de Bosanski Novi, para passar quase um ano na Croácia, em casa do irmão a recuperar da sua experiência traumática e fuga. Em 1993, foi para a Eslovénia, passou um ano num centro de refugiados, começou a traduzir, tendo sido convidada a participar na rede de escolas de refugiados. Decidiu então, matricular-se num programa universitário de graduação. Actualmente é detentora de um bacharelato em Inglês e de Literatura Inglesa e de um mestrado científico em pedagogia social. Tem trabalhado a nível nacional e internacional, com especialistas notáveis e finalmente, ela própria se tornou numa especialista internacional. Actualmente trabalha para um dos ministérios eslovenos.

**“NÃO É DIFÍCIL RECONSTRUIR UMA CASA, NÃO É DIFÍCIL CONSTRUIR UMA NOVA ESTRADA, A VERDADEIRA QUESTÃO É COMO RECONSTRUIR A VIDA”**

Vahida H., numa conferência em 2011

## CONFLITO

Em 1991, eclodiu na Bósnia, uma guerra com raízes antigas - históricas, religiosas, étnicas, económicas e culturais -, embora essa ex-República fosse considerada como a mais jugoslava de todas, com diferentes grupos étnicos a habitar pacificamente. Foi uma grande tragédia para a região e para os seus habitantes, uma imensa ruptura social e ruptura das histórias de vida individuais. Hoje esta região tem um novo nome, *Republika Srpska* e a maioria da sua população é sérvia. Os muçulmanos e os católicos foram embora. Na verdade, hoje ninguém sabe qual é a estrutura da população, já que o último censo foi realizado em 1991!

## FUGA

Como já dissemos, Vahida tinha 19 anos quando a guerra eclodiu. Os muçulmanos foram expulsos das aldeias vizinhas. Lembra-se que na sua casa de família, havia 45 pessoas escondidas. Era difícil dizer quem os expulsou das suas próprias casas. Teriam sido os vizinhos? Os seus amigos? Era difícil de saber, pois os agressores usavam sempre máscaras. As pessoas que ficaram na casa da família de Vahida trouxeram comida mas não a partilhavam com os outros, pelo contrário, escondiam-na, para os tempos difíceis. A família de Vahida tinha cereais e vegetais, mas num mês, tudo desapareceu. 45 bocas

# AS HISTÓRIAS: VAHIDA

famintas eram demasiadas. A casa cheirava mal, da comida não consumida e armazenada, escondida. Esta foi uma das suas primeiras impressões da guerra. Vahida lembra-se de viajar de comboio com muitos outros. Surpreendentemente, não tinha medo. Em cada estação ferroviária, saltava para fora do comboio e ia buscar água para quem estava com sede. Cortava o cabelo a quem precisasse. *“Quando se está em perigo, ameaçado, não se tem medo”,* afirma *“já que já perdeste o que te era mais querido”.* Também se lembra que não conseguia controlar muito bem o que dizia e a sua mãe frequentemente colocava a mão sobre a boca para silenciá-la. Mas Vahida era jovem e não tinha medo de nada. Muito mais experiente e razoável, a sua mãe era mais cautelosa.

Lentamente, o comboio chegou à fronteira croata. A família separou-se e a mãe de Vahida permaneceu na Bósnia, num lugar seguro enquanto Vahida viajou para a Croácia. Durante um ano ou mais ela viveu com o irmão, para recuperar as suas forças depois de traumas que experimentou. Houve guerra na Croácia também, mas não em Zagreb.

Eu  
estou bem,  
você está  
bem!

## A HISTÓRIA DE VAHIDA

De Zagreb, Vahida viajou para a Eslovénia, Hrastnik, uma pequena cidade industrial e para um centro local de refugiados. Ela lembra-se exatamente quando foi: em 15 de julho de 1993.

Vahida morava numa casa pequena de madeira, partilhando o quarto com 10 outras pessoas. Esse nível de intimidade nem sempre foi fácil, é evidente.

Naquela época, ela interrogava-se muito sobre o seu futuro. *“Onde iria morar? O que iria fazer para viver? O quê...Tantas perguntas!”* Começou a trabalhar

fazendo traduções e aprendeu muito sobre si própria e sobre as outras pessoas e também sobre a sua própria capacidade em relacionar-se. Ser capaz de relacionar-se é extremamente importante quando se é refugiado.

Não foram deslocadas somente adultos e pessoas mais velhas. Havia muitas crianças espalhadas pela Eslovénia. Vahida foi convidada a trabalhar numa escola para crianças refugiadas. *“Pelo amor de Deus, poderei fazê-lo? Não fui à universidade, não tenho o conhecimento e as aptidões”.* Um refugiado deve-se esforçar para aprender a língua do país anfitrião e deve ter um bom domínio do inglês. Mas havia pessoas que confiavam nela. *“Educação e conhecimento não podem ser tirados, não importa quais sejam as circunstâncias”,* diz Vahida. A educação é da maior importância. Vahida tinha 24 anos quando sentiu uma necessidade urgente de estudar.

Vahida inscreveu-se na Universidade de Ljubljana para estudar língua e literatura inglesa. A sua vida dupla começou. Vahida trabalhava e estudava. Além disso, a organização onde trabalhava cuidava bem das pessoas que lá trabalhavam. Cada mês havia alguma formação organizada para os funcionários e, adicionalmente, passavam um a dois dias a discutir a sua vida profissional sob a supervisão de um especialista.

Havia também uma psicóloga, que tinha acabado de se reformar, para se dedicar a tempo inteiro e com toda a sua energia às crianças traumatizadas pela guerra. Ela tinha a sua própria rede internacional de colegas de diferentes países europeus. Convidou-os, e eles aceitaram ajudar. Vieram da Suíça, Holanda, Grã-Bretanha, e Bélgica. Este círculo de pessoas íntimas e colegas tornou-se, de alguma forma, o círculo de Vahida, pessoas nas quais poderia confiar para obter ajuda, quando necessário.

As famílias de refugiados, que viviam em pequenas casas de madeira, estavam

# AS HISTÓRIAS: VAHIDA

focadas em passar o tempo, à espera que a situação mudasse. Muitos deles não pensavam na escolaridade dos seus filhos. Eles não se abriam facilmente a ninguém e a sua atitude refletia-se nos seus filhos. Ir à escola, pertencia aos tempos de paz. Mas pertencia realmente? As crianças não gostavam de ir à escola. Quando iam, costumavam estar de pijama nas aulas, com as pálpebras coladas de longas horas a dormir. Mas Vahida, juntamente com os seus colegas professores, iriam lutar contra isto. As crianças foram aceitando a escola, e, lentamente, começaram a aparecer mais bem-vestidas para as aulas. Um dos métodos básicos de aprendizagem é pela imitação e foi isso que aconteceu nas aulas de Vahida

Além disso, foi organizada ajuda psicossocial para crianças, e embora não fosse uma boa dançarina, Vahida foi convidada a ensinar a crianças a dançar. Aprendeu a dançar enquanto os ensinava, como se já o tivesse feito muitas vezes antes. Depois, as crianças foram convidadas a dar um espetáculo público. Ficaram muito felizes com os aplausos. Os pais das crianças foram ver o espetáculo e ficaram muito orgulhosos dos seus filhos. Orgulhosos e felizes. Quanto ao papel de Vahida, *“eu ajudei a escola e a escola ajudou-me”*.

Vahida tinha 24 anos quando se matriculou num programa universitário. Não falando esloveno e sendo cinco anos mais velha do que os outros estudantes, estava novamente numa situação de exclusão. Mas sentiu que a educação, a longo prazo seria inclusiva. Ela tinha a certeza disso.

Em 1994, Vahida coordenava os assistentes de aprendizagem para as crianças refugiadas e trabalhava em estreita colaboração com a

**Alguns refugiados vão mais longe por causa da tragédia que experimentaram.**

psicóloga voluntária aposentada, que era mais velha que ela, muito mais experiente, muito mais conhecedora. Esta foi uma circunstância feliz já que nela encontrou uma mentora. *“Não há felicidade maior”, dizem os chineses, “do que encontrar um professor”*.

Quando começou a trabalhar, acompanhou a sua mentora na primeira conferência internacional transcontinental em Edmond, no Canadá. A sua mentora moderou um workshop sobre voluntariado. Vacilante, Vahida não sabia sobre o que deveria falar. Mas então Eureka! Começou a falar sobre a sua própria história de voluntariado. Sentiu que a grande audiência estava cada mais em silêncio e pensou que isso se devia à sua intervenção, que tinha sido muito má. Mas no final, quando se atreveu a olhar para a plateia, teve um forte aplauso e palavras muito elogiosas. Tem de ser-se congruente, para se ser persuasiva. Confortada por essa experiência, voltou aos estudos mais confiante e menos tímida. Verificou-se uma verdadeira transformação.

Em 2000, Vahida obteve a cidadania eslovena.

## PERTENÇA

Vahida pertence a pelo menos duas culturas: Bósnia e Eslovena. Em Ljubljana, sente-se em casa, enquanto na Bósnia *“vai ao país da sua mãe”*. Mantém uma distância crítica face às duas culturas com base na autorreflexão e nas forças transformadoras da sua personalidade. Diz: *“Nós na Eslovénia...”* O que a faz pertencer é a sua prontidão para aprender, o que a faz evoluir em conjunto com o seu ambiente social.

# AS HISTÓRIAS: VAHIDA

## MARCOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO À INCLUSÃO TRANSFORMADORA DE VAHIDA

Analisando o percurso de vida de Vahida, torna-se óbvio que tem o tipo de perfil psicológico que estimula a inclusão, que é resiliente ao ter superado os traumas por que passou. O lema de sua vida tornou-se, “estou bem, você está bem também”. É importante com quem um refugiado se relaciona, porque cada uma dessas pessoas é uma ponte entre o refugiado e a sociedade de acolhimento.

Várias vezes na sua vida, Vahida pensou sobre o futuro (matriculou-se na universidade, em programas de graduação e pós-graduação). A sua tese de Mestrado relacionava-se com o seu trabalho e focava-se na motivação, pessoas mais velhas e voluntariado. Ainda mantém contato com a sua orientadora de tese de mestrado, para quem ela foi uma estudante interessada e talentosa. Aprendeu esloveno, falando, estudando e trabalhando. Dominou a língua eslovena e praticamente não tem vestígio de sotaque. É fluente e pode escrever em várias línguas; o seu trabalho não se limita a um país, mas à Europa e ao mundo. É também uma boa comunicadora. É uma boa coordenadora de projetos, gosta do trabalho em equipa, sempre a ligar as pessoas, instituições, áreas de trabalho, e grupos-alvo. Gosta de resolver problemas e gosta de aprender com os problemas.